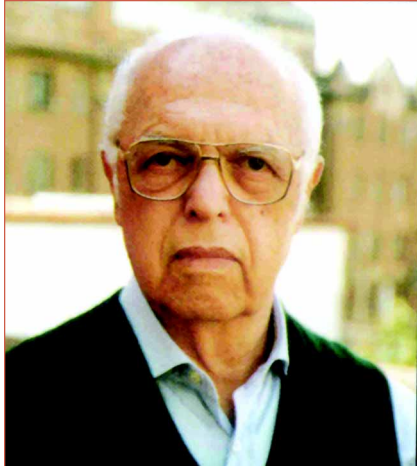


Milagre

Dr. Yeochua Avritchir



Membro titular do CBR e cronista

O mar sempre me amedrontou, mesmo antes de tê-lo visto pela primeira vez. Seria a história de Jonas? Moisés sobre o Nilo? Seria a passagem dos judeus pelo Mar Vermelho? Enfim, seria o medo bíblico, atávico da água? Não sei.

Aquelas ondas incessantes espumavam, arrastando raivosamente para o centro do mundo tudo o que encontravam pela frente.

Nunca tive a pretensão de viajar como Jonas, dentro ou fora de uma baleia, mas que essa possibilidade me assustava, assustava.

Água no umbigo, sinal de perigo. Essa era a recomendação que vinha à minha mente todas as vezes que meus prazeres estavam ligados à beira-mar.

A mais forte lembrança é a de um quase afogamento no meu primeiro encontro com o mar. Como bom mineiro, eu sabia que precisava ver o oceano. Sem isso,

seria um eterno capiau. Quando cheguei à praia calma e vi todo mundo brincando nas águas transparentes, mal podia imaginar a cilada que me aguardava.

Subitamente, exorcizei o meu pavor. Pelo menos assim pensava. Como que hipnotizado pela beleza do mar, fui entrando e sendo por ele envolvido. De repente, perco o pé. Caio num buraco e, por mais que me debatesse, não conseguia me livrar. Estava me afogando. Milagrosamente, um salva-vidas percebeu minha situação e me retirou do apuro.

Salvo, prometi a Deus que nunca mais entraria no mar.

No entanto, a promessa não incluía a piscina, onde mais tarde me afoguei pela segunda vez. Prometi a Deus que jamais entraria sequer num balde d' água.

Converti-me num contemplativo das águas. À distância, é claro.

Como era bonito assistir ao espetáculo do nascer e do pôr-do-sol, tendo o mar como espelho. O sol emergindo ou mergulhando no horizonte. As ondas batendo suavemente na praia, sem barulho. Céu azul sem nuvens, e milhares de coqueiros ligeiramente inclinados em reverência ao Criador. O farfalho das folhas pelo vento era uma verdadeira sinfonia cujo maestro só poderia ser Deus.

Essa era a visão que eu tinha, espichado na minha espreguiçadeira, onde provavelmente eu cochilava.

De repente, um golpe fatal na minha tranqüilidade. Os braços das crianças afoitas, meus netos, trazendo a notícia aterradora do

programa daquela manhã: “vamos descer a corredeira!”.

“Mas eu não sei nadar” – eu implorava – “e tenho medo de água!”.

Travou-se uma luta de foice com meu filho. Que não podia aquilatar o meu pavor.

“Vamos, pai, você vai gostar. É uma experiência nova. Não há risco nenhum”.

“Água no umbigo, sinal de perigo”, mas nada os convenceu. E para não ser chato, e criar um ambiente negativo, acabei cedendo.

Eis-me sentado num barco inflável, morto de medo. Os donos do barco, quatro homens jovens, embarcaram-me. O barqueiro principal, garoto imberbe, puxa que puxa pela correia do motor. Mas o barco se nega a partir. Era Deus contra o diabo. E o diabo venceu. Finalmente, em direção às corredeiras. Quando vi o rio e as cascatas, senti lancinante dor de estômago, taquicardia e tremedeira generalizada.

Mortalmente arrependido, só me restou rezar. E eis que Deus ouviu a minha prece e o barco parou, negando-se a progredir.

Todos ficaram desiludidos, menos eu. O marinheiro pediu socorro. Um barco auxiliar nos resgatou.

Quando me vi em terra firme, agradei a Deus o milagre e novamente prometi, pela última vez, que jamais voltaria a aceitar qualquer convite para programas marítimos, mesmo que meus netos debochassem do meu medo. Espero cumprir agora essa promessa, pois não tenho vocação para Jonas, muito menos para Amyr Klink.